

PAVIANI, J. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 2. ed. Caixas do Sul: Educus, 2008.

ALESSANDRA DA SILVA CARRIJO*

O livro *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*, já na sua segunda edição – a primeira foi em 2007 –, foi organizado em forma de ensaios e tem como objetivo analisar a experiência interdisciplinar em três diferentes âmbitos: na investigação científica, no ensino e no exercício profissional.

No primeiro ensaio o autor examina as relações entre disciplinaridade e interdisciplinaridade. Tal análise é fundamental para a construção do discurso posterior do autor, uma vez que, segundo ele, só é possível entender o conceito de interdisciplinaridade a partir da análise histórico-crítica e político-administrativa da disciplinaridade.

Para examinar as relações entre disciplinaridade e interdisciplinaridade ele apresenta diversos significados corrente de ambos os termos, os ‘lugares’ em que a interdisciplinaridade se manifesta, além de discorrer sobre sua gênese e constituição, concluindo, assim, que a verdadeira interdisciplinaridade é, em última instância, uma defesa das disciplinas e não sua eliminação, como muitas vezes faz-se transparecer.

Nesse passeio teórico-conceitual para desvelar as relações entre disciplinaridade e interdisciplinaridade ele trilha diversos caminhos que convergem para a história da filosofia e faz referência a grandes pensadores que de alguma maneira defenderam ou aplicaram, mesmo que de formas distintas, os princípios epistemológicos e metodológicos da interdisciplinaridade – pensadores como Platão, Aristóteles, Popper, Heidegger, Kant, Descartes, dentre outros.

* Pedagoga e Mestre em Filosofia. Atua como Técnica em Assuntos Educacionais no Cepae/UFG e como Professora Formadora no curso de Especialização em Metodologia do Ensino Fundamental da mesma instituição. E-mail: alessandra.carrijo@yahoo.com.br.

A crise do conceito de ciência na atualidade, a multiplicidade dos processos de investigação científica e o crescente desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação são realidades que, para o autor, apontam para um novo cenário mundial que requer novos critérios para definir e estabelecer disciplinas e currículos, para uma nova forma de fazer ciência e para novas e criativas maneiras de exercer a profissão. Apontam, assim, para a emergência da práxis interdisciplinar.

A interdisciplinaridade, nesse contexto de complexidade crescente, apresenta alguns princípios capazes de dar uma maior coesão e conexão a estes desafios e é com base nestes princípios que o autor busca esclarecer suas referências e possíveis significados.

O primeiro princípio seria o da unidade e da multiplicidade, que permite “[...] estender uma ponte entre o momento identificador de cada unidade básica de conhecimento e o necessário corte diferenciador” (p. 41), o que, segundo Paviani, levaria a uma convergência de perspectivas epistemológicas e metodológicas diferenciadas e atenderia, por sua vez, às necessidades sociais emergentes, contribuindo, portanto, para a resolução de problemas graves da sociedade.

Um segundo princípio da interdisciplinaridade trabalhado pelo autor é o da continuidade e descontinuidade: “Trata-se de saber se a realidade é algo fixo, imóvel ou algo em permanente estado de devir, e se a realidade é dada como uma totalidade ou de modo fragmentário” (p. 43).

As noções de emergência e de complexidade formam o terceiro princípio da interdisciplinaridade para Paviani, pois só a efetivação das inter-relações das ciências pode, acredita ele, solucionar problemas científicos complexos. “A dialética entre o emergente (indeterminado) e o determinado encontra-se na gênese do conhecimento” (p. 46) e não pode ser negligenciada.

A complexidade é um conceito que procura expressar, nas palavras do autor, “as múltiplas faces da realidade”. Não a realidade percebida como um objeto inerte, mas como processo, devir, doação, construção. Por isso, o princípio da complexidade está não só vinculado ao de emergência, como também remete às inter-relações entre as partes e o todo – unidade e multiplicidade –, à continuidade e à descontinuidade.

A aceitação desses princípios conduz, assevera o autor, a níveis e tipos diferenciados de interdisciplinaridade, uma vez que ela não é um fenômeno homogêneo, linear e uniforme. O que leva Paviani a concluir que não existe, assim, um modelo único e predeterminado de ação interdisciplinar.

Levando em consideração estes princípios o autor descreve, analisa e interpreta algumas experiências classificadas como interdisciplinares com vistas a demonstrar o que ele chama de verdadeira e falsa interdisciplinaridade e contribuir assim para evitar a superficialidade do uso do termo que, a seu ver, muito prejudica o entendimento do fenômeno e contribui para o seu crescente desgaste conceitual.

No segundo ensaio, por sua vez, ele investiga as relações entre educação, universidade e interdisciplinaridade. A importância de tal análise, para o autor, está pautada na idéia de que a plena realização da interdisciplinaridade requer uma nova e constante organização universitária, pois os conhecimentos evoluem mais rapidamente do que a estrutura administrativa e isso cria entraves à ação dos pesquisadores e professores e dificulta as possibilidades de intercâmbio de conhecimentos.

Assim, o autor discorre sobre três diferentes experiências interdisciplinares, em nível de pós-graduação, realizadas na região sul do Brasil, com vistas a analisar as principais dificuldades enfrentadas e suas virtudes. Todas as experiências analisadas apontaram para a necessidade do reconhecimento de que somente um conhecimento interdisciplinar pode descrever e analisar os elementos de determinado objeto de estudo sem perder a visão do todo. Apontaram, portanto, para a necessidade de os problemas do conhecimento serem tratados de forma complexa e sob diferentes perspectivas.

A filosofia aparece, nesse contexto, como ocupante de uma função interdisciplinar primordial, uma vez que é responsável por promover o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento humano e por “[...] esclarecer os pressupostos epistemológicos das ciências e examinar, numa perspectiva ética, os resultados e as conseqüências da pesquisa” (p. 89).

O que o autor procura demonstrar, enfim, é que mesmo com todos os avanços científicos e tecnológicos e com a transformação da terra numa ‘aldeia global’, a educação, em todos os seus níveis e modalidades, parece tornar-se cada vez mais impotente “[...] no sentido de preparar ou orientar o homem no mundo ou simplesmente para adaptá-lo às novas determinações sociais geradas pelo processo de globalização e de reprodução das próprias diferenças e rupturas sociais” (p. 107).

Essa impotência é fruto, segundo ele, da incapacidade de se reconhecer que não há educação sem as dimensões ética e política. Desse modo, é preciso reconhecer que a educação consiste essencialmente num processo de integração de saberes, não só cognitivos, mas também de todos

os outros saberes que compõem e caracterizam a essência da convivência humana coletiva.

Assim, a interdisciplinaridade não surge de uma decisão externa, de um mero ato da vontade, ela nasce, ao contrário, da necessidade de apreensão do objeto ou do problema de pesquisa como um todo, com vistas à realização humana em sua plenitude.

O autor conclui, assim, que a utilização somente de critérios político-administrativos para elaborar um programa de formação profissional, uma proposta de projeto de ensino ou mesmo de projeto de pesquisa é algo totalmente inadequado. “Os verdadeiros critérios são os epistemológico-pedagógicos, isto é, os que surgem do interior do processo de ensino aprendizagem e das necessidades sociais e morais” (p. 113).

Assim, o humanismo enquanto doutrina, ou seja, conjunto de idéias e ideais que servem para nortear a ação, aparece no discurso do autor como capaz de contribuir para estabelecer o diálogo entre a ciência e a cultura, essa enfraquecida cada dia mais pelo processo de globalização. A doutrina humanista, ao afirmar sua fé no ser humano e orientar as ações para tornar a vida humana mais digna, justa e feliz, pode ser vista, segundo o autor, como “motivo interdisciplinar” (p. 121) primeiro. Assumir tal postura no mundo científico, na escola e nas relações profissionais significa reconhecer que qualquer investigação científica, qualquer prática pedagógica e qualquer ação profissional interfere nas relações entre a vida e a natureza, entre bem-estar e ordenamento social.

Implica, ainda, na valorização dos direitos fundamentais do homem, na descoberta das relações profundas entre a sensibilidade e a inteligibilidade. Implica, por fim, na possibilidade de compreensão mais ampla da época em que vivemos na compreensão de nós mesmos e dos outros.

O que mais se destaca em todo o livro é a idéia de que o conceito de interdisciplinaridade exige um permanente esforço racional e crítico, e também a idéia de que não existem fórmulas nem modelos de interdisciplinaridade. Sendo assim, de nada adianta afirmar que a interdisciplinaridade envolve integração de educadores, interação de disciplinas etc., se não se explicita em que consiste essa integração e de que modo essa interação pode ser viabilizada.

A argumentação do autor ao longo da obra revela que definições que exprimem intenções e desejos não são suficientes para um trabalho com resultados, uma vez que as atividades interdisciplinares não se limitam a estabelecer arranjos e justaposições externas. Ao contrário, exigem

procedimentos detalhados e coerentes que atingem a estrutura lógica dos programas de ensino, de pesquisa ou profissionais. Igualmente, de nada adianta afirmar que a interdisciplinaridade reside no diálogo entre conhecimentos, pois fica claro ao longo do texto que ela é, antes de tudo, uma categoria de ação.

O livro é indicado a professores e estudantes de cursos de licenciatura e bacharelado em geral, assim como a pesquisadores e profissionais liberais que estejam em busca de uma orientação epistemológica e metodológica para construir e desenvolver seus projetos profissionais e acadêmicos, de forma a atender a complexidade do mundo contemporâneo. Trata-se de uma reflexão teórico-prática importante, pois além de apontar para a necessidade de uma mudança paradigmática nos mais diversos níveis de atuação profissional e acadêmica, dá exemplos de projetos que deram certo e que podem servir de referência para outros profissionais e instituições de ensino.

Jayme Paviani, nascido na região sul do Brasil, é licenciado em Filosofia, graduado em Ciências Jurídicas e Sociais, *especialista em Filosofia Moderna*, possui mestrado em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e doutorado em Lingüística e Letras pela mesma instituição. Possui ainda pós-doutorado pela Università degli Studi di Padova. Atualmente é professor titular da Universidade de Caxias do Sul no Curso de Filosofia e nos Programas de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional. Atua nas seguintes linhas de pesquisa: Dialética em Platão, Educação e Epistemologia, Literatura e cultura regional, região e regionalidade e sistemas éticos. Dentre suas publicações recentes destacam-se: *Formas de dizer: questões de método, conhecimento e linguagem* (1996); *Filosofia e Método em Platão* (2001); *Ensinar; deixar aprender* (2003); *Platão e a República* (2003); e *Conhecimento científico no ensino* (2007).